

A inconsistência do tratamento dispensado às preposições pela Gramática Tradicional

Débora Domiciano Garcia¹, Bento Carlos Dias da Silva²

¹Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - São Carlos, SP – Brasil

²Departamento de Letras Modernas (DLM)
Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Araraquara, SP – Brasil

{deboradom@gmail.com, bento.silva@gmail.com}

***Resumo.** Este artigo sintetiza as informações linguísticas que quatro gramáticas tradicionais do português apresentam a respeito da semântica das preposições. Com a análise e comparação desses dados, evidenciam-se inconsistências e assimetrias entre as descrições, a fim de argumentar a favor de uma sistematização dessas informações que possa contribuir para uma melhor descrição da classe e com a criação de recursos para sistemas de Processamento Automático de Línguas Naturais.*

1. Introdução

Nos estudos já realizados acerca das preposições, o maior desafio sempre foi o de definir seu valor semântico, uma vez que há toda uma tradição que exclui ou limita a significação inerente desses itens à sintaxe. Este artigo reúne e analisa as descrições presentes em quatro gramáticas¹ tradicionais consideradas de ampla circulação, argumentando a favor da importância de estudos que sistematizem a caracterização dessa classe gramatical.

2. As preposições, segundo a Gramática Tradicional

As gramáticas tradicionais do português definem as preposições como elementos léxico-gramaticais invariáveis, que pertencem a uma classe gramatical fechada (pois nela não se criam novos membros com a mesma produtividade que se criam novos substantivos, verbos, adjetivos etc.), e relacionam o seu complemento nominal/oracional (T2) a outro elemento da frase (T1), estabelecendo, assim, uma relação de dependência gramatical entre ambos.

Vendi a casa (T1) *de* Maria (T2-nominal)

Estou livre (T1) *para* viajar hoje (T2-oracional)

Sendo essa a definição canônica da classe, cada gramática analisada neste artigo evidencia aspectos morfossintáticos e aborda a semântica das preposições de formas diversas, conforme mostram as subseções 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4.

¹ Gramática Normativa da Língua Portuguesa (ROCHA LIMA, 1999), Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 2009), Nova Gramática do Português Contemporâneo (CUNHA; CINTRA, 2007), Fundamentos de Gramática do Português (AZEREDO, 2000).

2.1 A Gramática Normativa da Língua Portuguesa, de Rocha Lima

Em sua gramática, Rocha Lima (1999) traz uma definição simples: “preposições são palavras que subordinam um termo da frase a outro – o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro” (p.180), e propõe uma subclassificação em dois grupos – o primeiro, contendo o que ele chama de preposições “essenciais” (*a, ante, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, perante, sem, sob, sobre*), e o segundo, contendo palavras de outras espécies que podem figurar como preposições, nesse caso denominadas preposições “acidentais” (*exceto, durante, consoante, mediante, fora, afora, segundo, tirante, senão, visto*).

A respeito da semântica, o autor vislumbra uma caracterização ao separar as preposições em fortes e fracas. Em suas palavras:

As primeiras (*contra, entre, sobre*) guardam certa significação em si mesmas; as outras (*a, com, de*) não tem sentido nenhum, expressando tão-somente, em estado potencial e de forma indeterminada, um sentimento de relação. No contexto é que se concretiza o valor significativo das várias relações que elas tem aptidão para exprimir. (ROCHA LIMA, 1999, p. 355-356).

Ou seja, Rocha Lima defende a ideia de que há preposições mais lexicais (fortes), que carregam certo conteúdo semântico, e preposições mais gramaticais (fracas), que exercem apenas uma função relacional e seu significado só pode ser determinado pelo contexto da frase.

2.2 A Moderna Gramática Portuguesa, de Bechara

Na gramática de Bechara (2009), a semântica das preposições é excluída logo na definição, pois o seu papel é reduzido ao de índice da função gramatical do termo que introduzem na oração.

Chama-se preposição a uma unidade linguística desprovida de independência (...) que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical do termo que ela introduz. (BECHARA, 2009, p. 296).

Como explica o autor, no exemplo (1) a preposição *de* aparece por “servidão gramatical”, isto é, ao relacionar o verbo *gosta* ao seu complemento *Belo Horizonte*, a preposição passa a ser o índice da função gramatical preposicionada denominada “complemento relativo”. Ou ainda, em (2), a preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de “adjunto adnominal” do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivos. Nesses casos, a preposição recebe o nome de “transpositor”, porque se trata de um elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer um papel gramatical diferente daquele que

normalmente exerce. Nesses casos, o substantivo próprio *Belo Horizonte* é transposto para complemento relativo e o substantivo comum *coragem*, para adjunto adnominal.

- (1) Aldenora gosta *de* Belo Horizonte.
- (2) Homem *de* coragem.

O gramático, porém, não desconsidera o valor semântico das preposições ao pressupor que

(...) tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado, que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. As preposições não fazem exceção a isto: “Nós trabalhamos *com* ele, e não *contra* ele.” (BECHARA, 2009, p. 297).

Portanto, para Bechara, cada preposição possui um sentido unitário, fundamental, primário, que se desdobra em sentidos diversos modulados pelo contexto e pela situação de uso. Para melhor explicar esses “significados contextuais”, o autor destaca o exemplo da preposição *com*. Outras gramáticas atribuem a essa preposição os sentidos ilustrados nos exemplos (3-7) (p. 298).

- (3) Companhia: Dancei *com* Marli.
- (4) Modo: Estudei *com* prazer.
- (5) Instrumento: Cortei o pão *com* a faca.
- (6) Causa: Fugiu *com* medo do ladrão.
- (7) Oposição: Lutou *com* o ladrão.

O autor, entretanto, lembra que a língua portuguesa só atribui a *com* o sentido de Copresença e que são os “significados contextuais”, analisados pela nossa experiência de mundo, que nos permitem interpretar e depreender os demais sentidos da preposição *com*. Por exemplo, em (5), sabe-se os sentidos de *cortei*, *pão* e *faca* e entende-se que uma faca não só esteve presente no ato de cortar o pão, mas que também foi o instrumento utilizado para a realização dessa ação. Já em (3) emerge, depois do sentido da Copresença, o sentido de Companhia, pois se trata de uma dança com um parceiro (p. 298-299).

2.3 A Nova Gramática do Português Contemporâneo, de Cunha e Cintra

Cunha e Cintra (2001) postulam que as preposições são dotadas de um sentido primordial, marcado pela expressão de Movimento ou de Situação (repouso) e aplicável a três campos – Espacial, Temporal e Nocial. Para ilustrar, a noção de Movimento está presente nos exemplos (8) e (9), e a de Situação instancia-se nos exemplos (10-12). Quanto aos três campos relacionais, a preposição *de* exemplifica uma relação Espacial em (13), a relação Temporal, em (14) e a relação Nocial (posse ou autoria), em (15) e (16). Todos os exemplos foram tirados de Cunha e Cintra (2001, p. 570-571).

- (8) Vou *a* Roma.
- (9) Todos saíram *de* casa.
- (10) Chegaram *a* tempo.

- (11) Chorava *de* dor.
- (12) Estive *com* Pedro.
- (13) Todos saíram *de* casa.
- (14) Trabalha *de* 8 às 8 todos os dias.
- (15) Livro *de* Pedro.
- (16) Chorava *de* dor.

Os gramáticos ainda contrastam a semântica e a sintaxe das preposições (p. 572). Ao compararem os exemplos (17) e (18), observam que a preposição *com* exprime fundamentalmente a noção de Associação/Companhia, e que essa noção básica é muito mais facilmente reconhecível no primeiro exemplo. Dessa forma, os autores apontam para um esvaziamento semântico, em favor da função relacional pura, em virtude da preposição *com* após o verbo *concordar* ter se tornado uma construção já fixada no idioma. Assim, nesses casos, despreza-se o sentido da preposição, considerando-a um simples elo sintático, vazio de sentido.

- (17) Viajei *com* Pedro.
- (18) Concordo *com* você.

Os autores ainda salientam que “as relações sintáticas que se fazem por intermédio de ‘preposição obrigatória’ selecionam determinadas preposições exatamente por causa do seu significado básico.” Em outras palavras, o verbo *concordar* elege a preposição *com* devido à afinidade existente entre o sentido do próprio verbo e a noção de Associação inerente a *com*.

Nota-se que a afirmação de Cunha e Cintra de que as preposições perdem o seu conteúdo semântico quando o contexto sintático torna o seu uso obrigatório coincide com a ideia de “servidão gramatical” apresentada por Bechara. Entretanto, o exemplo da preposição *com* que ambas gramáticas trazem evidencia posicionamentos diferentes. As duas gramáticas defendem a ideia de que as preposições possuem um sentido primário, mas, enquanto Bechara afirma que é a partir desse sentido primário que novos significados podem ser depreendidos dos diversos contextos de uso, Cunha e Cintra afirmam que há contextos em que ocorre justamente o contrário, e a semântica da preposição é desprezada em virtude da semântica do verbo, que elege a preposição por afinidade com seu sentido básico, tornando-a obrigatória.

2.4 Os Fundamentos de Gramática do Português, de Azeredo

Por fim, a gramática de Azeredo (2000) afirma que “tanto quanto as demais espécies de conectivos, as preposições contribuem de forma mais ou menos relevante para o significado das construções de que participam.” (p.144). Para o autor, a relevância da preposição na frase está diretamente ligada ao grau de liberdade que o enunciador possui ao selecionar uma preposição.

Azeredo alega que, em muitos casos, a preposição não é escolhida pelo que significa, mas imposta ao usuário da língua pelo contexto sintático, como ilustram os exemplos (19-23) (p.145).

- (19) **Dependo** *de* você.
- (20) **Concordo** *com* você.
- (21) **Refiro-me** *a* você.

(22) **Confiante** em mais uma vitória.

(23) **Derrotado** por um adversário.

Nessas frases, segundo essa gramática, as preposições não possuem sentido próprio, porque fazem parte do núcleo verbal (negrito) e o sintagma nominal que se segue funciona como complemento (relativo ou nominal) desse núcleo. Em outras palavras, a preposição é selecionada pelo verbo. Já em (24-33) (p. 144-145), ocorre algo diferente.

(24) Viajou *sem* **destino**.

(25) Viajou *com* a **família**.

(26) Viajou *para* o **Nordeste**.

(27) Viajou *por* o **litoral**.

(28) Viajou *entre* os **meses de abril e junho**.

(29) Morava *em* a **roça**.

(30) Morava perto *de* a **estação**.

(31) Caixa *de* **papelão**.

(32) Caixa *para* **charuto**.

(33) Caixa *com* **alça**.

Nesses exemplos, a preposição constitui junto da unidade seguinte (negrito) um sintagma preposicional de função adverbial ou adjetiva, que se destaca pelo significado que acrescenta à construção, por ser uma escolha entre tantas possíveis na língua. (“viajou *sem/com/até/para* o destino”). Ou seja, nesses casos as preposições possuem semântica.

3. A inconsistência da vertente tradicional

Como visto, Rocha Lima classifica as preposições em fortes (p.ex., *contra*, *entre*, *sobre*), passíveis de carregar “certa significação em si mesmas”, e em fracas (p.ex., *a*, *com*, *de*), as que “não têm sentido nenhum, expressando tão-somente, em estado potencial e de forma indeterminada, um sentimento de relação” (1999, p. 355-356). Bechara, por sua vez, defende que as preposições “não exercem nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical do termo que ela introduz” (2009, p. 296) e que qualquer outro sentido da preposição só pode ser abstraído pelo contexto e pela situação sintática em que ela é usada. Cunha e Cintra (2001) postulam uma significação fundamental das preposições, apesar de seus usos variados, mas defendem a ideia de esvaziamento semântico em favor da função relacional pura, tornando-as, em certos casos, dispositivos eminentemente gramaticais. E, em Azeredo (2000), as preposições só possuem um sentido próprio quando a escolha da preposição não é imposta ao usuário da língua pelo co-texto de ocorrência.

O contraste existente entre essas posições evidencia como é dissonante o tratamento dispensado à semântica da classe das preposições, seja pelas descrições genéricas ou pelas classificações contestáveis (preposições essenciais/acidentais, fortes/fracas etc.).

Esse posicionamento divergente das gramáticas é resultado de uma tradição que considera os diferentes sentidos de uma preposição como instâncias diferentes, memorizadas pelo usuário a partir das suas ocorrências em diversos contextos de uso. É

comum achar nesses guias uma extensa listagem dos diversos usos de cada preposição, apresentados como se não existisse qualquer relação entre eles, junto do contexto sintático em que a preposição ocorre e frases-exemplo retiradas da literatura.

Destaca-se que um dos pontos frágeis da descrição linguística feita nas gramáticas tradicionais é o fato de elas assumirem que o usuário da língua deve aprender cada uma dessas novas formas, consideradas homônimas, uma a uma, por elas se centrarem nas dimensões sintática e morfológica, minimizando, ou até mesmo desconsiderando, as dimensões semântico-cognitiva e pragmático-discursiva na análise das preposições. Essa suposição, por sua vez, como demonstram os estudos linguísticos, contraria o fato de que a língua se desembaraça de tudo o que é supérfluo para a comunicação e de que o usuário da língua sabe usar, com surpreendente competência e agilidade, os múltiplos sentidos das preposições, quer sejam eles inerentes ou modulados contextualmente (BORBA, 1971; ILARI et al., 2008).

Como observam Ilari et al. (2008) e Castilho (2010), essa abordagem tradicional dificulta um tratamento abrangente para cada uma das preposições, que não se traduza em uma enumeração interminável dos sentidos que a preposição assume em seus diferentes usos e contextos. As afirmações que resultam desse tipo de tratamento não são propriamente incorretas, mas são, no mais das vezes, óbvias, e tendem a transferir para a preposição elementos de sentido que, de fato, são dados por outras expressões presentes no contexto.

Sentidos da preposição <i>a</i>	
Rocha Lima (1999)	Bechara (2009)
Movimento, extensão	Movimento ou extensão
Transcurso de tempo	Tempo em que uma coisa sucede
Proximidade, contiguidade	Fim ou destino
Posição, situação	Meio, instrumento e modo
Direção	Lugar, aproximação, contiguidade
Tempo	Exposição a um agente físico
Concessão	Semelhança, conformidade
Conformidade	Distribuição proporcional, gradação
Meio	Preço
Causa	Posse
Instrumento	
Quantidade, medida, peso	
Referência	
Condição	
Distância	
Tempo	
Concomitância	
Motivo	
Fim	
Modo	

Quadro 1 - Inconsistência classificatória evidenciada pela comparação entre a listagem dos sentidos apresentadas nas duas gramáticas. (Fonte: elaboração própria)

Para exemplificar, o Quadro 1 mostra a diferença entre a listagem de sentidos da preposição “a” presente em duas das gramáticas analisadas neste artigo. Enquanto Rocha Lima (1999) propõe 20 sentidos diferentes para a preposição “a”, Bechara (2009) apresenta apenas 9. O Quadro 2 mostra que essa assimetria também ocorre com as demais preposições descritas nas gramáticas.

PREPOSIÇÕES	Número de sentidos listados	
	Rocha Lima (1999)	Bechara (2009)
a	20	9
até	1	1
com	6	10
de	10	16
para	8	6
por	9	11
desde	1	-
contra	4	3
Em	6	10
Entre	1	1
Sem	3	-
Sob	1	-
Sobre	5	-

Quadro 2 – Comparação entre o número de sentidos listados nas duas gramáticas. (Fonte: elaboração própria)

Apesar de rico e variado, esse tratamento é inconsistente e assimétrico. Argumenta-se, então, a favor de uma sistematização dessas informações - não de sua homogeneização, é importante frisar. Não se procura uma consonância entre as gramáticas, apenas ressalta-se a importância de se reunir e organizar essas informações, atualizar o que foi pouco abordado, em vistas de uma melhor descrição da classe das preposições e da criação de recursos para sistemas de Processamento Automático de Línguas Naturais (PLN).

4. Proposta de descrição alternativa

O posicionamento vago em relação à semântica das preposições motiva pesquisas que, ao contrário da abordagem tradicional, olham para a pluralidade de sentidos que cada preposição assume em diferentes contextos, não mais na perspectiva da ruptura, mas na perspectiva da continuidade. Do ponto de vista semântico, isso significa considerar os vários usos de uma preposição como “extensões de seu sentido” e, portanto, em relação de polissemia, ao invés de formas homônimas. (ILARI et al., 2008).

Especificamente, o levantamento e análise desses dados motiva uma pesquisa em andamento, que visa fornecer um tratamento alternativo e mais atual para a classe das preposições. Propõe-se a criação de uma *PrepNet*, rede léxico-gramatical constituída de preposições aos moldes de uma *WordNet*, recurso linguístico-computacional com relevância tanto para a descrição linguística da categoria quanto para o PLN.

Do ponto de vista tecnológico, essa classe gramatical tem-se revelado de extrema importância e utilidade para enriquecer e auxiliar tarefas de PLN, pois codifica significados essenciais para a compreensão da proposição (o significado lógico-conceitual da frase) como, por exemplo, localização (34), instrumentalidade (35), direção (36), benefício (37), tempo (38) e espaço (39), não podendo, portanto, ser negligenciadas nos estudos linguísticos e computacionais.

- (34) Guilherme colocou o livro *na* estante.
- (35) Ele cortou a carne *com* a faca.
- (36) Conceição viajou *de* Franca *para* São Paulo.
- (37) Paulo deu o vinho *ao* amigo.
- (38) Chego *entre* o meio-dia e 13h.
- (39) Estou *entre* a mesa e a parede

Inserido nessa área, o projeto da *PrepNet*, atualmente em nível de doutorado, tem como objetivo reunir e sistematizar as informações descritivas das preposições, modelando-as num formato computacionalmente tratável. Uma vez confirmada a hipótese de que preposições que compartilham características descritivas podem constituir *synsets* à la *wordnets* (GARCIA, 2013), objetiva-se organizar um repositório com os comportamentos sintático e semântico das preposições sob a forma de rede semântica. Espera-se, com isso, contribuir com os primeiros passos rumo à descrição mais apurada da classe das preposições do ponto de vista linguístico-computacional.

Referências Bibliográficas

- Azeredo, J. C. (2000) “Fundamentos de gramática do português”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bechara, E. (2009) “Moderna gramática portuguesa”. 37. ed. São Paulo: Nacional.
- Borba, F. S. (1971) “Sistemas de preposições em português”. São Paulo. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Castilho, A. T. (2010) “Nova gramática do português brasileiro”. São Paulo, Contexto, p.583-610.
- Cunha, C; Cintra, L. (2001) “Nova gramática do português contemporâneo”. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GARCIA, D. D. (2013) “Construção exploratória de uma *PrepNet* para o português do Brasil: uma incursão linguístico-computacional no universo das preposições indicativas de espaço”. 118 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.
- Ilari, R.; et al. (2008) “As preposições”. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (Orgs.) Gramática do português culto falado no Brasil. Vol. II - Classes de Palavras e Processos de construção. Campinas: Editora da Unicamp, p. 623-808.
- Rocha Lima, C. H. (1999) “Gramática normativa da língua portuguesa”. 35ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.